

CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA EM NÍVEL REGIONAL NO BRASIL, UM ESTUDO PRÉ-PANDEMIA.

Hilder André Bezerra Farias¹

Raquel Oliveira Gomes²

RESUMO

O trabalho compreende que o desempenho econômico de um país ou região está estreitamente ligado à estrutura de seu sistema financeiro, no qual os bancos desempenham um papel crucial na intermediação e alocação de recursos. Dada a sua relevância, este estudo teve como objetivo analisar a concentração bancária intrarregional no Brasil, visando compreender a dinâmica bancária em cada região. Para realizar esse estudo, foram utilizados dados da Estatística Bancária Municipal do Banco Central referentes ao período de janeiro de 2000 a abril de 2020. A concentração bancária foi calculada através do Índice de Herfindahl-Hirschman, usando duas medidas: operações de crédito e ativos totais. Os resultados revelaram comportamentos divergentes entre as variáveis utilizadas para calcular o índice. A medição baseada nos ativos totais indicou níveis consideráveis de concentração tanto em nível regional quanto nacional, caracterizados por flutuações de amplitude significativa. Por outro lado, as operações de crédito exibiram resultados mais moderados, tanto regionalmente quanto nacionalmente. Embora tenha sido observada uma concentração substancial em grande parte das regiões, essa concentração é menos proeminente quando comparada aos totais de ativos. O estudo fornece informações relevantes para a compreensão da dinâmica das instituições financeiras nas regiões brasileiras no período analisado, enfatizando o papel das operações de crédito na avaliação dos níveis de concentração bancária.

Palavras-chaves: Concentração Bancária. Índice Herfindahl-Hirschman. Regiões brasileiras.

ABSTRACT

The work acknowledges that the economic performance of a country or region is closely linked to the structure of its financial system, in which banks play a crucial role in the intermediation and allocation of resources. Given their significance, this study aimed to analyze intraregional banking concentration in Brazil, aiming to comprehend the banking dynamics in each region. To conduct this study, data from the Municipal Banking Statistics of the Central Bank were used, covering the period from January 2000 to April 2020. Banking concentration was calculated using the Herfindahl-Hirschman Index, employing two measures: credit operations and total assets. The results revealed divergent behaviors among the variables used to calculate the index. Measurement based on total assets indicated considerable levels of concentration both at the regional and national levels, characterized by significant fluctuations. On the other hand, credit operations exhibited more moderate results, both regionally and nationally. While substantial concentration was observed in a significant part of the regions, this concentration is less prominent when compared to total assets. The study provides relevant information for understanding the dynamics of financial institutions in the Brazilian regions during the analyzed period, emphasizing the role of credit operations in assessing levels of banking concentration.

Key-words: Banking Concentration. Herfindahl-Hirschman Index. Brazilian regions.

¹ Professor Adjunto (UFPA), Doutor em Economia (PPGE/UFPA). hilder@ufpa.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFPA. Mestre em Economia Aplicada (PPGECON/UFPA). raqueloliveira@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto a concentração bancária intrarregional no Brasil no período anterior à pandemia da COVID-19. Essa problemática mostra-se relevante por relacionar dois aspectos importantes do debate sobre o desempenho econômico de países e regiões, o funcionamento dos mercados de crédito e os padrões de concorrência que norteiam a eficiência, o desempenho e a regulação para as empresas dentro do modo capitalista de produção.

Esse trabalho entende que as instituições bancárias assumem um papel de primordial importância no contexto econômico, uma vez que desempenham a intermediação da alocação de recursos financeiros, além de sua capacidade de geração de moeda. Nesse contexto, os bancos desempenham uma função central no fomento da formação de capital de países e regiões, manifestando-se tanto como promotores do consumo quanto como facilitadores dos investimentos, sendo os bancos entidades capazes de catalisar o desenvolvimento regional, uma vez que a promoção do crédito em áreas geográficas específicas pode ajudar a promover iniciativas centrais para seu desenvolvimento socioeconômico.

Esse potencial, entretanto, passa por uma dualidade, ao mesmo passo em que as regiões menos desenvolvidas teriam um maior ganho com aportes de recursos financeiros para o desenvolvimento de projetos estratégicos em seu território, essas regiões, não necessariamente, são vistas como espaços rentáveis para as firmas bancárias, percepção que pode ser ainda maior quando há um distanciamento entre os bancos e esses espaços. Num contexto de baixa disponibilidade de informações, os bancos, como agentes que condicionam a cessão de crédito à análise de seu risco (que depende de informações confiáveis) podem não ter políticas ativas de concessão de crédito em regiões onde não possuam agências, isto é, regiões onde a competição esteja centrada em um conjunto restrito de empresas, ou ainda, onde a concorrência bancária seja baixa.

A literatura econômica reconhece diferentes hipóteses para a investigação do impacto da estrutura de mercado e dos padrões competitivos das firmas bancárias em seu desempenho e na eficiência alocativa do setor, tais quais a de Estrutura-Condução-Desempenho, ou ainda da hipótese de Poder de Mercado Relativo. Entretanto, um aspecto anterior para aplicação da modelagem que busca compreender esses padrões competitivos, como o desenvolvido por Panzar e Rosse, está na mensuração na estrutura de mercado, e com esse debate que o presente artigo busca contribuir.

Uma ressalva importante que deve ser elencada é que o artigo não tem como interesse de pesquisa específico a concentração inter-regional do crédito no Brasil, isto é, não busca compreender a distribuição entre as diferentes regiões do país, mas sim, compreender como está em funcionamento o setor bancário dentro de cada região, isto é, a concentração intrarregional do crédito nacional.

Nesse sentido, o presente artigo busca investigar, com base nas informações disponibilizadas pelo Banco Central do Brasil (BCB) mensalmente em sua Estatística Bancária Municipal, qual seria a melhor forma de mensurar a concentração intrarregional do mercado bancário no país. Esse debate é feito de forma comparativa utilizando tanto informações sobre os ativos das agências das empresas quanto pelas suas operações de crédito. Adicionalmente, para tornar a compreensão do setor mais completa, é feito um levantamento não exaustivo dos principais movimentos que ajudam a explicar variações abruptas no índice de concentração utilizado, tais como falências, fusões e aquisições.

Finalmente, é importante considerar que o levantamento o indicador utilizado para medir a concentração foi o mesmo utilizado pelo BCB e pelo CADE (Conselho Administrativo

de Defesa Econômica) na mensuração da concentração econômica das atividades no país, isto é, o Índice de Herfindahl-Hirschmann, ou IHH. Além disso, destaca-se o uso das informações no período anterior à COVID-19 pois compreende-se que a estrutura do setor pode ter sofrido alterações com efeitos de longo prazo por conta da pandemia, o que precisa ser investigado de forma isolado em estudos futuros.

O presente artigo, além dessa introdução, conta com mais 4 partes. A segunda seção do texto faz um apanhado teórico a partir da revisão de literatura sobre a concentração bancária no país e no mundo. A seção posterior contém os materiais e métodos utilizados para chegar aos resultados do estudo. A seguir está a seção de resultados, onde são apresentados os índices regionais contextualizados ao longo do seu histórico recente. Finalmente, encontram-se as seções de agradecimentos e considerações finais, concluindo o texto.

1 ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAS SOBRE COMPETIÇÃO E CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA

A concorrência ocupa uma posição de destaque no contexto da economia, com implicações significativas para o bem-estar do consumidor e para a dinâmica competitiva das atividades econômicas. Do lado dos benefícios da concorrência para os consumidores, entende-se que empresas que detêm um poder de mercado pronunciado, ou que operam em regimes de monopólio, uma situação comum quando poucas empresas dominam um mercado, têm a capacidade de empregar práticas abusivas em detrimento dos consumidores (BCB, 2012). No mercado de crédito, bem como em outros setores, é de fundamental importância evitar a concentração, pois mercados concentrados tendem a exibir níveis reduzidos de competição. A existência de setores competitivos se traduz em preços equitativos e maior eficiência empresarial, que, por sua vez, garantem a sua contínua presença no mercado (DANTAS; MEDEIROS; PAULO, 2011).

Segundo Vives (2019), a concorrência no setor bancário assume relevância por possibilitar resultados superiores para os consumidores, incluindo preços mais acessíveis, serviços de melhor qualidade e maior inovação. Contudo, o autor sugere que a concorrência também pode provocar impactos adversos na estabilidade financeira, especialmente se estimular um aumento desmedido dos riscos assumidos pelos bancos. Assim, os responsáveis pela formulação de políticas precisam conciliar a promoção da concorrência com a manutenção da estabilidade financeira no setor bancário.

No âmbito da teoria econômica, a estrutura de mercado considerada ideal é a concorrência perfeita. Em um modelo de concorrência perfeita, o mercado é atomizado, e as ações individuais em relação a preços (ou taxas de juros, como no caso do trabalho) não conseguem influenciar o funcionamento do mercado (VASCONCELLOS; OLIVEIRA; BARBIERI, 2017).

A dinâmica da competição capitalista, entretanto, costuma levar a processos de falências, fusões e aquisições, o que pode aumentar o poder de mercado das empresas que têm maiores capacidades de competir, no limite pode se chegar a uma situação monopolista. O monopólio ocorre quando as empresas podem capturar parte ou a totalidade do excedente do consumidor, estabelecendo preços acima dos valores associados à concorrência perfeita (BCB, 2012; VASCONCELLOS; OLIVEIRA; BARBIERI, 2017).

A existência de empresas com grande poder de mercado pode levar à criação de barreiras à entrada de novas empresas, além de forçar a saída de empresas já estabelecidas que sejam incapazes de competir com preços mais baixos. Isto é, a dinâmica da competição, por si só estimula as empresas a explorarem novas abordagens para manter seus lucros, seja por meio da redução de custos, uma gestão mais eficaz ou pela introdução de inovações tecnológicas no setor bancário, potencializando seus ganhos (MIRZAEI; MOORE; LIU, 2013).

O padrão de concorrência, que delinea as diferentes formas de concorrência em um setor, determina a competitividade. Esta se manifesta nas estratégias que as empresas traçam, podendo ser tanto em termos de desempenho, traduzido pela fatia de mercado conquistada pela empresa, quanto em eficiência (KUPFER, 1992). De acordo com Resende e Boff (2013), a eficiência consiste na forma como as empresas alocam seus recursos. A habilidade de produzir a custos inferiores resulta em preços mais baixos, conferindo às empresas uma vantagem competitiva ao sustentar preços abaixo dos fixados no mercado.

Nesse contexto, um mercado competitivo é desejável, pois não apenas eleva o bem-estar geral, mas também é benéfico para consumidores e produtores. Conforme argumenta Podpiera (2005), um mercado caracterizado por padrões competitivos tende a ser mais eficiente, resultando em menores custos para as empresas e preços mais acessíveis para os clientes. Desta forma, um aumento no número de empresas no mercado financeiro pode criar um ambiente competitivo que amplie o acesso aos serviços financeiros e ao crédito. Entretanto, como resultado da própria dinâmica de concorrência das empresas, espera-se que as mesmas tomem suas ações visando tanto sua lucratividade quanto ganho de fatias de mercado, o que precisa ser investigado e passível de regulação, para que os consumidores não tenham perda de bem-estar por conta do poder de monopólio conquistado pelas empresas.

O estudo da concentração para o setor bancário se torna pertinente, uma vez que o mercado bancário atua em diversos setores da economia, especialmente enquanto mediador de crédito para o investimento privado, dado que a implantação de atividades produtivas, em geral, passa pela concessão do crédito, tornando este setor um importante ator no desenvolvimento da economia (NUNES; MENEZES; DIAS, 2013).

Uma das hipóteses que estudam a relação da estrutura de mercado e com a lucratividade das empresas é a Estrutura-Condução-Desempenho. Essa hipótese sugere que o grau de concentração do mercado é responsável pela performance do setor. A existência de um mercado concentrado (estrutura) possibilita que os bancos agirem de maneira anticompetitiva (condução) formando de conluio, diante desse comportamento, elas são capazes de aumentar o nível de preços dentro do mercado com intuito de aumentar a margem de lucro (desempenho) (BIKKER et al., 2004; MIRZAEI; MOORE; LIU, 2013; NUNES; MENEZES; DIAS, 2013).

Além da hipótese ECD na linha que relaciona lucratividade com a estrutura, há a hipótese do Poder de Mercado Relativo. Nessa hipótese se relaciona o market-share com a performance dos bancos, pois bancos que possuem uma maior base de clientes alcançam maior nível de lucratividade dentro do mercado (MIRZAEI; MOORE; LIU, 2013).

Outro modelo comumente trabalho para a compreensão do padrão competitivo do setor bancário é o de Panzar e Rosse (1987), voltado para análise da estrutura de mercado considerando o impacto do aumento da produção nas receitas e nos custos, de forma que, quanto maior for a proporção do aumento das receitas em relação ao aumento dos custos, maior será o poder de mercado da firma, ou seja, a sua capacidade de passar para seus compradores os aumentos nos seus custos.

Outro aspecto que explicaria a lucratividade no setor bancário seria a eficiência. Empresas eficientes são aquelas que possuem a capacidade de produzir a mesma quantidade que suas concorrentes com custos menores. Dessa forma, essas empresas praticam menores preços no mercado, o que gera uma barreira à entrada para novas empresas, pois elas não seriam capazes de competir com os preços das firmas eficientes (NUNES, MENEZES e DIAS, 2013). Conforme Bikker et al. (2004), a eficiência está relacionada com a forma de alocação dos recursos, de maneira que haja o menor desperdício possível. A hipótese da Eficiência-X se refere a comparação dos custos com os lucros, onde os bancos alcançam o valor ótimo dentre as melhores firmas do setor, a eficiência nessa hipótese diz respeito ao bom gerenciamento da firma.

Bikker et al. (2004) argumentam que para uma firma bancária consiga atingir o mesmo nível de lucratividade que seus concorrentes, é preferível que o seu foco seja na eficiência da parte de custos, ou seja, a capacidade dos bancos de minimizar custos, comparativamente ao foco na eficiência de escala, voltada para o aumento da produção com o mesmo custo.

Na análise empírica realizada por Deidda e Fattouh (2005), a concentração bancária está negativamente relacionada com o crescimento da renda per capita e o crescimento do setor industrial, mas esse efeito foi observado apenas em países de renda baixa.

Ribarczyk e Oliveira (2013) discutem também que um mercado bancário concentrado tende a apresentar maior instabilidade, visto que se poucos grandes bancos realizam operações de alto risco, todo o sistema também está em risco. Diante das operações de risco, a probabilidade de inadimplência dos grandes bancos aumenta, de forma que ao não honrarem seus compromissos com os demais bancos, todo o mercado também estará sujeito ao contágio em processos de falências.

O estudo realizado por Shijaku (2017) na Albânia, considerando o período de 2008 a 2015, indicou uma relação negativa entre a concentração bancária e a estabilidade das instituições financeiras, o que corrobora com a chamada Hipótese de Fragilidade de Concentração (HFC). Em outras palavras, o estudo encontrou evidências de que a concentração bancária tende a aumentar a probabilidade de ocorrência de fragilidades sistêmicas no setor bancário.

Uma ressalva deve ser feita com relação a esse último tópico, existe também uma abordagem que defende a concentração no sistema bancário. Existem duas justificativas para tanto: i) um setor com grandes bancos se mantém mais estável, pois a capacidade dessas empresas de suportar crises é maior dada a sua estrutura, elas funcionam como amortecedor para o mercado (MIRZAEI; MOORE; LIU, 2013); e ii) Uma maior quantidade de bancos irá aumentar a oferta crédito, de forma que facilitará o acesso de crédito aos maus pagadores o que eleva o risco de inadimplência nas empresas (RIBARCZYK; OLIVEIRA, 2013).

Implicações da concentração no setor bancário são examinadas no estudo de Fiona (2006), voltado para os Estados Unidos no período de 1994 a 2005. O objetivo era avaliar os efeitos dessa concentração na lucratividade das instituições financeiras. Por meio de modelagem econométrica, a pesquisa constatou que a concentração bancária poderia resultar em benefícios, como o aumento das receitas provenientes de empréstimos e a redução de custos operacionais, o que contribuiria para o aumento do spread bancário.

O estudo realizado por Bretschger et al. (2012) envolveu uma análise em um conjunto de países durante o período de 1970 a 2009. O objetivo principal foi testar as hipóteses conhecidas como "concentração-estabilidade" e "concentração-fragilidade". Os resultados revelaram que uma maior rentabilidade dos bancos tende a aumentar a estabilidade do sistema financeiro, sugerindo uma relação positiva entre esses dois fatores. No entanto, as margens de juros líquidas mais altas foram associadas a uma maior probabilidade de crises financeiras, indicando um potencial efeito negativo dessas margens na estabilidade do sistema.

O estudo realizado por Pruteanu-Podpiera et al. (2016) para a República Tcheca durante o período de 1994 a 2005, com uso do modelo Panzar-Rosse, constatou que um aumento na concorrência não necessariamente resultou em maior eficiência bancária. Além disso, foi identificado que o aumento da concorrência no setor bancário teve efeitos negativos na estabilidade financeira do setor como um todo. A competição entre os bancos incentivou-os a adotar riscos excessivos na busca por superar os concorrentes. Portanto, o estudo destacou que a relação entre concorrência, eficiência e estabilidade financeira no setor bancário pode envolver trade-offs significativos que precisam ser considerados para uma compreensão abrangente dos impactos da concorrência nesse contexto.

No estudo conduzido por Barrell e Karim (2020), que abrangeu um conjunto de países da OCDE no período de 1990 a 2010, o objetivo foi explorar a relação entre a concentração

bancária e crises financeiras. Os resultados obtidos sugeriram que mercados bancários menos concentrados tendem a apresentar padrões de capital mais baixos, o que, por sua vez, reduz a capacidade das grandes empresas de obter recursos para seus projetos. Além disso, observou-se que a menor concentração bancária aumenta os riscos que os bancos estão dispostos a assumir e, ao mesmo tempo, reduz sua capacidade de amortecer choques adversos. Esses fatores podem contribuir para uma maior vulnerabilidade do sistema financeiro a crises. Uma descoberta adicional foi que mercados bancários mais difusos geralmente oferecem quantidades menores de recursos disponíveis.

O campo de pesquisa da concentração bancária é bastante explorado na literatura nacional e internacional. Apesar das diferenças de modelos adotados para analisar a competitividade, os artigos a seguir apresentam um ponto comum: a utilização do índice de concentração. A concentração no escopo do trabalho refere-se à concentração de um único setor. Entende-se a concentração como acumulação de características econômicas, tais como riqueza e produção, ou no presente caso ativos e operações de crédito (BRAGA; MASCOLO, 1982).

Garza-García (2012) analisou os efeitos da concentração bancária sobre os lucros dos bancos mexicanos entre 2001-2009. O trabalho utilizou duas hipóteses, a Estrutura-Condução-Desempenho (que mede a concentração por meio do IHH) e do Poder relativo de mercado contra a hipótese da Estrutura eficiente para avaliar se os lucros são influenciados pela estrutura de mercado ou pela eficiência dos bancos. As evidências encontradas apontaram que bancos com maior participação no mercado possuem os maiores lucros, o que corroborava com a hipótese do Poder Relativo de Mercado.

Mirzaei, Moore e Liu (2013) usam a concentração bancária para examinar a relação da estrutura de mercado do setor com a rentabilidade dos bancos e estabilidade do sistema por meio do paradigma Estrutura-Condução-Desempenho e da hipótese de Poder Relativo de Mercado. O estudo empregou informações países do Oeste Europeu, as economias avançadas, e economias emergentes do Leste Europeu e Oriente Médio quais se enquadram no mesmo status, emergente, que a economia brasileira. Os resultados evidenciaram que nas economias emergentes a baixa competitividade, devido à elevada concentração, provocou um aumento na lucratividade dos bancos, enquanto nas economias avançadas o poder de mercado é importante para estabilidade do sistema financeiro, e que a concentração nesse setor pode ser prejudicial para os seus lucros.

O texto de Rakshit e Bardhan (2020) analisou o grau de competição bancária na Índia entre 1996 e 2016. Os autores calcularam a estatística H do modelo de Panzar-Rosse, ligando seu resultado às estatísticas para mensuração da concentração IHH e CR(k), para avaliar a hipótese de Estrutura-Condução-Desempenho por meio de regressão de dados em painel. As conclusões chegadas pelos autores são: não há resultados que se comprove a hipótese de ECD e o sistema bancário indiano age competitivamente na estrutura de concorrência monopolística. A pesquisa conduzida por Chunikhin et al. (2019) abrangeu diversos países europeus ao longo do período de 2009 a 2017, com o objetivo de calcular e compreender o modelo de competição nos setores bancários dessas nações. Para isso, foram empregados diferentes índices, incluindo o Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH), que é diretamente relacionado à concentração bancária. Os resultados obtidos foram variados e indicaram uma diversidade de situações em relação à concentração bancária na Europa. A análise revelou que quando esses índices são combinados, podem mostrar resultados distintos para uma mesma economia, o que aponta para a natureza complexa e multifacetada da competição no setor bancário.

No estudo conduzido por Dincer em 2019, o foco recaiu sobre o setor bancário europeu no ano de 2014, com o objetivo de avaliar tanto a concentração quanto a competição presente nesse setor, abarcando tanto o cenário europeu quanto o turco. Para realizar essa avaliação, foi adotada a lógica fuzzy, que permitiu medir a concentração com base no Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH), levando em consideração diferentes fatores ligados à tomada de decisão

estratégica nos bancos, como depósitos, empréstimos, taxas de juros e número de funcionários, entre outros.

O estudo foi caracterizado por uma abordagem participativa, em que foram incorporados inputs humanos de especialistas acadêmicos e profissionais do setor bancário. Os resultados obtidos revelaram um ranking de competição dos países analisados, que foi ordenado da seguinte forma, da melhor para a pior posição: Turquia, França, Inglaterra e Alemanha. A pesquisa também permitiu uma análise diversificada dos critérios e escalas do IHH, contribuindo para uma caracterização mais precisa da concentração no setor.

Por fim, o estudo de Saif-Alyousfi et al. (2020) investigou o impacto da concorrência e concentração bancária nos países do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC) entre 1996 e 2017. Utilizando medidas de competição e concentração, incluindo o Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) aplicado a diversos indicadores, a pesquisa analisou como esses fatores influenciam a estabilidade bancária e o comportamento de risco das instituições financeiras. Os resultados indicaram apoio para as hipóteses de fragilidade e estabilidade da competição, destacando a complexidade dessas relações. Concluiu-se que uma única medida de competição não é suficiente para avaliar o impacto na estabilidade, havendo uma associação negativa entre competição e tomada de riscos, bem como uma relação direta entre concentração e fragilidade financeira.

Ao adotar uma abordagem que considera múltiplos fatores e perspectivas, esse estudo proporcionou insights mais profundos sobre a concentração e competição no setor bancário europeu e turco, o que está no contexto de debate sobre as formas de medir concentração, especialmente no caso brasileiro em perspectiva regional, problema que o presente trabalho busca tratar.

Devido à sua importância crucial, o mercado bancário é altamente regulamentado. No Brasil, as principais entidades reguladoras são o CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) e o BCB (Banco Central do Brasil). Essas instituições desempenham um papel vital na manutenção da competitividade no setor bancário, utilizando análises de índices de concentração, como o Índice de Herfindahl-Hirschman e a Razão de Concentração (k) (RIBARCZYK; OLIVEIRA, 2013).

Lima e Carvalho (2009) observaram que, devido ao conjunto de transformações ocorridas na reestruturação do setor bancário durante a década de 1990, houve uma redução no número de instituições bancárias atuantes no país. Isso se deu como resultado de um processo de fusões e aquisições ocorrido no período posterior à redemocratização e marcado pela abertura do país, inclusive para a entrada de empresas estrangeiras.

Em seu estudo, Freitas e Paula (2010) notaram uma diminuição na distribuição do crédito em termos regionais, com um impacto mais pronunciado nas regiões periféricas em relação à disponibilidade de crédito. Eles argumentaram que o Acordo de Basileia abriu portas para a entrada de bancos estrangeiros no Brasil, fortalecendo o setor financeiro do país, mas também contribuiu para a concentração do crédito em regiões específicas. A oferta limitada de crédito afetou o desenvolvimento regional, especialmente em áreas periféricas com riscos sistêmicos acentuados, intensificando a desigualdade. A reestruturação bancária também reduziu o número de instituições regionais, evidenciado pelo predomínio de sedes de instituições financeiras na região Sudeste em 2007.

De acordo com Dantas, Medeiros e Paulo (2011), os bancos brasileiros operam em um setor extremamente lucrativo. Os autores argumentam que esses lucros são impulsionados pelos preços de mercado que excedem o valor competitivo. A presença de preços elevados pode indicar uma possível falta de concorrência nesse setor. Quando os bancos conseguem cobrar preços ou juros mais altos, isso sugere a existência de poder de mercado, ou seja, a competição não é suficiente para alcançar níveis eficientes de preços.

Segundo Oliveira e Soares (2020), antes de 2000, o contexto brasileiro era marcado por instabilidade e pouco desenvolvimento. A recuperação econômica iniciada em 2004 trouxe melhorias nos indicadores econômicos do país. No entanto, a crise de 2008 afetou o país, levando a aquisições que visavam proteger o sistema financeiro. Embora programas como o PROER tenham sido implementados para evitar crises na década de 1990, eles não tiveram uma conexão direta com o aumento da concentração bancária. Observou-se uma redução na concentração em 2000, que depois reverteu, ultrapassando os níveis de 1990. Em 2007, aquisições como a do ABN Amro e Banco Nossa Caixa impulsionaram um aumento, ressaltando a importância da competição para ampliar o alcance territorial.

Em seu trabalho, Nakane (2003), mostrou que o número de instituições financeiras no Brasil se reduziu desde 1995 após processo de crise do setor que levou à saída de bancos estrangeiros, bem como por conta de processos de fusões e aquisições dentro do setor. O autor rejeitou a hipótese do sistema bancário se comportar em forma de conluio, e descartou a hipótese de uma estrutura de concorrência perfeita. Assim, se chegou à constatação que os bancos brasileiros atuavam em uma estrutura de mercado imperfeita e com elevado grau de concorrência.

Martins e Alencar (2009) investigaram a concentração bancária para entender a relação de interdependência entre os bancos, o trabalho compreendeu 50 bancos no Brasil entre 1995 e 2007. Os resultados obtidos demonstraram que existia uma interdependência entre a lucratividade dos bancos e a concentração, essa relação foi verificada através de uma regressão onde a variável dependente são os ativos e o IHH era uma das variáveis explicativas.

No estudo da estrutura bancária brasileira, Araújo e Ribeiro (2001) usaram o modelo Panzar-Rosse, que investiga em que nível as empresas podem repassar para seus consumidores o aumento dos preços dos seus insumos (revelando seu poder de mercado). O trabalho aplicou 3 índices para medir a concentração: Índice de Herfindahl-Hirschman, Hall-Tideman e de entropia de Theil, os dados utilizados se referem aos anos de 1995 a 2004. Os resultados evidenciaram que os bancos no Brasil, considerados em nível nacional, operavam em um mercado de concorrência monopolística. Além disso, foi verificado um aumento da concentração em termos de ativos e patrimônio líquido, enquanto ocorreu uma diminuição da concentração nas operações e redução da oferta de crédito.

O trabalho de Lima e Carvalho (2009) contemplou o estudo da concentração no mercado bancário para diversos países da América, Europa e Ásia, incluindo o Brasil, no período de 1995 a 2005. Os autores afirmaram que diante da globalização e o aumento de fluxo financeiro, o processo de concentração estava ocorrendo em escala mundial, apesar desse resultado, os níveis de concentração permaneceram nos limites de um sistema não concentrado.

Outro relevante estudo para a literatura de concentração bancária no Brasil é o de Dantas, Medeiros e Paulo (2011) que por meio da hipótese de e Estrutura-Condução-Desempenho (ECD) estudaram a trajetória da concentração bancária, através do IHH e CR4, e sua relação com rentabilidade do setor bancário brasileiro entre 2000 e 2009. Os resultados da pesquisa não validaram a hipótese testada acerca do ECD, indicando que os bancos não estavam exercendo poder de monopólio a partir de práticas de conluio, porém houve validação para hipótese de estrutura eficiente, apontando que o comportamento de redução de custos (principalmente) seria maior fonte de lucratividade dos bancos.

Um estudo voltado para os efeitos de atos de concentração pode ser encontrado no trabalho de Ribarczyk e Oliveira (2013) que avaliaram a concentração no Brasil durante a primeira década do século XXI e o impacto da fusão do Itaú com o Unibanco. Para medir a concentração foram usados: Índice de Herfindahl-Hirschman, Razões de Concentração Bancária k ou $CR(k)$ e índice de entropia de Theil. Os autores encontraram evidências do aumento da concentração desde o início do período estudado e um pico na concentração após a fusão em questão.

Silveira (2017) realizou a aplicação do modelo Panzar-Rosse para bancos comerciais no período de 2011 a 2016 no Brasil, o propósito do trabalho foi medir a competitividade a partir da Estatística-H e fazer uma avaliação da concentração através de alguns índices como o IHH e razão de concentração. O estudo apontou que o mercado bancário possuía como padrão de concorrência a competição monopolista e verificou um aumento na concentração durante o período analisado.

Faria, Scarano e Vartanian (2021), que estudaram a estrutura do setor no período de 2000-2017, defendem que juros elevados podem manter instituições pouco eficientes no mercado. Explorando o modelo estrutura-conduta-desempenho, eles analisam como a regulação influencia as estratégias de desempenho empresarial e a estrutura de mercado, incluindo a entrada de novos bancos. Embora a regulação não tenha um papel direto e determinante na rentabilidade, aspectos como eficiência e concentração também são apontados como fatores influentes. A regulação pode estar relacionada a obstáculos à entrada no mercado. A capacidade de gerar receitas está intrinsecamente ligada aos níveis de concentração.

A literatura de concentração bancária regional no Brasil investiga como existe uma distribuição heterogênea do crédito em diferentes espaços no país o maior grau de concentração na oferta de crédito em regiões centrais em relação às periféricas. Amado (1998) e Freitas e Paula (2010) afirmam que os bancos tendem a conceder menos crédito para periferia por alguns motivos: i) A preferência pela liquidez é maior, dessa forma os ativos líquidos (moeda) se encontram com o público; ii) devido a assimetria de informações sobre as condições econômicas, pois os bancos elaboram projeções econômicas desfavoráveis para essa região e, conseqüentemente, alocam um menor volume de crédito; e iii) as regiões centrais por apresentarem um maior dinamismo industrial e financeiro, possuem uma maior necessidade de crédito.

Além da concentração bancária, em relação à quantidade de bancos atuantes, há também a concentração da oferta de crédito. Esse tipo de concentração pode ser prejudicial para as regiões periféricas, como demonstrado por Freitas e Paula (2010), pois uma vez que essas localidades estão desfavorecidas quanto a distribuição de crédito, elas estarão sujeitas a um baixo grau de investimento e, portanto, desenvolvimento econômico.

Em termos regionais, como Freitas e Paula (2010) ressaltam, as instituições bancárias têm uma maior predisposição para alocar seus recursos em regiões com menor preferência pela liquidez. Nas regiões periféricas, essa tendência se inverte, uma vez que tais áreas possuem maiores riscos devido à concentração de riquezas em ativos líquidos. Além disso, a assimetria de informações no setor financeiro contribui para a redução da oferta de crédito em áreas não centrais. Essa falta de informações leva os bancos a tomarem decisões desiguais sobre a oferta de crédito, um fenômeno que se observa no presente estudo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados a serem utilizados neste trabalho foram obtidos no Banco Central do Brasil por meio do subsistema Estban - Estatística Bancária Mensal por município do Sistema do COSIF - Plano Contábil das Instituições do Sistema Financeiro Nacional, os dados presentes nesse subsistema referem-se aos saldos das principais rubricas de balancetes dos bancos comerciais e dos bancos múltiplos com carteira comercial, por município.

Para uma maior robustez dos resultados, a periodicidade dos dados será mensal, organizados por região, para o período de janeiro de 2000 até abril de 2020, total de 244 meses. O índice foi calculado para cada Região Geográfica e para o Brasil a cada mês. Esse recorte se deu para facilitar a visualização dos gráficos de série temporal, entretanto, em termos de análise, os procedimentos apresentados podem ser replicados para diferentes níveis regionais, como estadual e municipal.

Para o cálculo do índice foram levados em conta tanto o total dos ativos da instituição, mensurado pela soma dos ativos das agências de cada instituição e o saldo das operações de crédito realizadas, respectivamente os verbetes “TOTAL DO ATIVO” e “OPERAÇÕES DE CRÉDITO” segundo o COSIF - Padrão Contábil das Instituições Reguladas pelo Banco Central do Brasil.

O propósito desse trabalho é calcular a concentração bancária no Brasil. De acordo com o BCB (2012) o índice de Herfindahl-Hirschman é aplicado pelas agências de antitruste nacionais, como o próprio Banco Central e o CADE, com fim de medir o grau de concentração para o conhecimento dos desdobramentos de atos de concentração.

O índice tem uma grande aplicação no cenário do mercado bancário dada a sua capacidade de captar, por meio da variação, se houve significativas mudanças na competitividade Rhoades (1993). Dessa forma, para medir a concentração foi escolhido o índice de Herfindahl-Hirschman por ser adequado na mensuração da concentração em mercados horizontais.

Além da facilidade de uso, a escolha do IHH para a mensuração da concentração ocorreu, pois ele atende os critérios axiomáticos elencados em Resende e Boff (2013): princípio da transferência; minimalidade em simetria, critério de Lorenz; não decrescimento em fusões horizontais; e não crescimento em simetria.

O cálculo da concentração no setor bancário foi utilizado o Índice de Herfindahl-Hirschman definido como:

$$IHH = \sum s_i^2$$

O cálculo do índice é feito por meio do market-share (ou fatia de mercado), s , ao quadrado das firmas presentes no setor (RHOADES, 1993).

O BCB (2012) apresenta a seguinte classificação para os níveis de concentração (utilizada no presente artigo): menor que 1000 - mercado desconcentrado; entre 1000 e 1800 - concentração moderada; e acima de 1800 - concentração elevada. Outra abordagem nacional para análise da concentração, é a observada no guia do CADE (2016), no qual determina-se que: IHH menor que 1500 corresponde a um mercado não concentrado; mercado com IHH de 1500 a 2500 indica concentração moderada; e superior a 2500 configura alta concentração.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro resultado a que chega o presente artigo diz respeito ao histórico de concentração bancária a nível nacional. Os resultados do cálculo do IHH por operações de crédito e ativos estão dispostos nas Figuras 1 e 2. Nessas figuras, as linhas pontilhadas mostram o grau de concentração calculado através do IHH, enquanto as retas horizontais se referem aos limites estabelecidos por BCB (2012), onde acima da linha vermelha caracteriza elevada concentração (ou acima de 1800); abaixo da linha azul a concentração é considerada baixa (ou abaixo de 1000); e entre elas o nível de concentração é moderado (IHH entre 1000 e 1800).

A Figura 1 se refere ao cálculo do IHH por meio da variável do total de ativos dos bancos. De acordo com o observado na figura, o nível de concentração, em aspectos gerais, se encontra entre os patamares moderado e baixo. Todavia, existem picos como em 2007/2008 que houve processos de fusão e aquisições realizadas, com destaque nas transações feitas pelo Itaú e Santander, de forma que ocorreu uma junção de ativos entre dos bancos que passaram pelas fusões e aquisições provocando aumentos anormais no índice. O pico registrado pelo IHH em 2008 de 6407,5; um ano após o pico, em 2009, o índice alcançou seu valor mais baixo alcançado correspondente a 358,5.

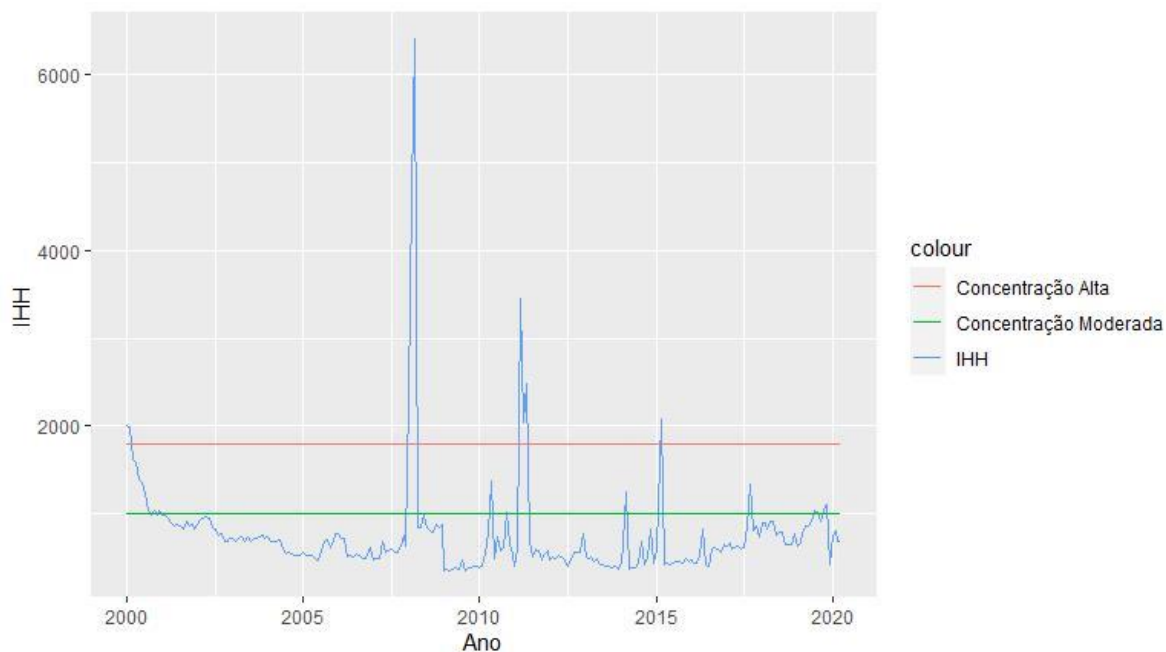


Figura 1 – Série Nacional do IHH calculado pelos Ativos Totais das Instituições Financeiras, jan/2000 - abr/2020.

Fonte: Estban, Resultado de pesquisa.

O cálculo por ativos ocasiona uma maior oscilação do IHH. Isso ocorre dado que há uma heterogeneidade entre as instituições do setor, isto leva a existência de bancos muito grandes que possuem elevado volume de ativos (com outras rubricas, além das operações de crédito), de forma que os ativos bancos menores se tornam relativamente menores.

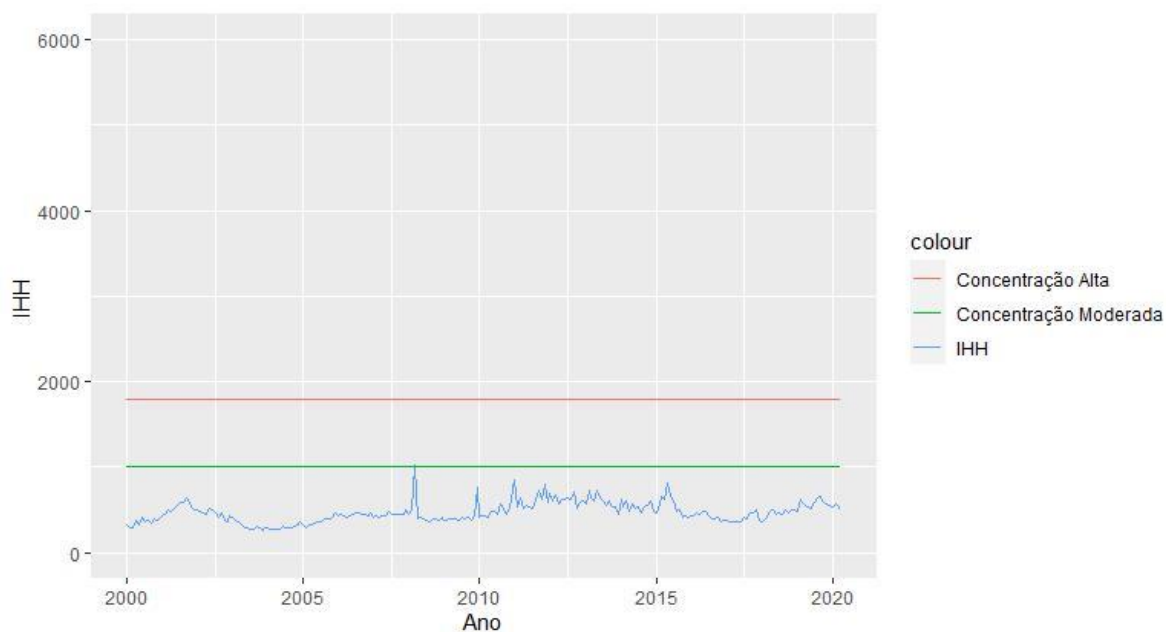


Figura 2 – Série Nacional do IHH calculado pelas Operações de Crédito das Instituições Financeiras, jan/2000 - abr/2020.

Fonte: Estban, Resultado da pesquisa.

Conforme a Figura 2, o IHH calculado através das operações mantém-se abaixo da linha azul. Isto é, através da ótica das operações de crédito, o setor bancário nacional se mostra desconcentrado, salvo o pico em 2008 causado pela fusão de dois importantes bancos, o que indica a importância de estudar isoladamente o papel dos bancos enquanto fornecedores de crédito para a economia. As oscilações do IHH calculado pelas operações é menor que o do calculado pelos ativos, uma vez que os bancos menores podem precisar ter um grande volume de ativos para realizar um elevado número de operações.

Na Figura 3, o IHH está dividido pelas regiões geográficas: Centro Oeste; Norte; Nordeste; Sul; e Sudeste, os dados usados para calcular o índice são referentes aos ativos. A imagem evidencia que em todas as regiões, os limites do IHH dos ativos são ultrapassados, o que qualifica concentração elevada ao analisar as regiões isoladamente.

Adicionalmente, é possível observar que existe uma grande amplitude na variação, isso se deve à alta volatilidade que os ativos detêm, especialmente se tratando em escala regional. É perceptivo que os níveis de concentração se diferenciam entre as regiões, a exemplo do Centro Oeste, que durante o período pesquisado não esteve com mercado desconcentrado, enquanto o Sudeste na maior parte do período se caracteriza com um grau de baixa concentração.

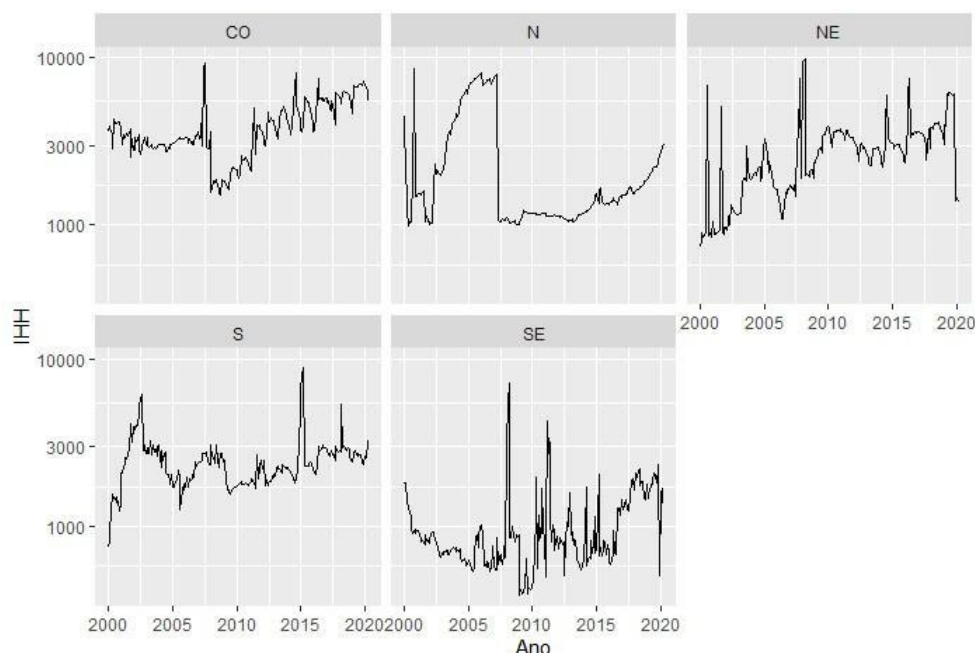


Figura 3 – Séries para as Regiões Geográficas do Brasil do IHH calculado pelos Ativos Totais das Instituições Financeiras, jan/2000 - abr/2020

Fonte: Estban, Resultado da pesquisa.

A fim de tornar a Figura 3 mais compreensível, uma análise mais minuciosa dos resultados foi conduzida. O Centro Oeste apresentou IHH dos ativos máximo de 9254 e mínimo de 1527, o valor médio para a região foi de 3911 e em pelo menos metade do período pesquisado, o índice esteve acima de 3452 o que caracteriza elevada concentração. A capital brasileira se localiza no Centro Oeste, de maneira que a região comporta duas das principais sedes de instituições financeiras do país, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, isso resulta em um índice de concentração elevado em termos de ativos na região, devido à presença significativa de ativos dessas instituições em sua sede.

No que diz respeito a região Norte, o valor máximo do IHH dos ativos foi de 8670,5 e o mínimo 991,6, a região teve como valor médio da região de 2426,5; pode-se afirmar que a

concentração no Norte é moderada, visto que em pelo menos metade do período da pesquisa o índice esteve abaixo de 1444,2. No início do período analisado, observou-se um alto índice de concentração na região, é possível que a localidade tenha sido fortemente afetada pelos processos de fusão e aquisição que ocorrem ao longo dos anos 2000 a 2010.

Em relação à região Nordeste, o valor mínimo esteve acima de 743 e o máximo abaixo de 9815, a média do IHH dos ativos para os anos estudados foi de 2780,2 e a sua mediana era 2776,6; diante das estatísticas e do gráfico, infere-se que a existência de um elevado grau de concentração. É provável que esse fenômeno esteja relacionado aos processos de aquisição de bancos regionais ocorridos na região, como foi o caso do Banco do Estado do Maranhão adquirido pelo Banco Bradesco, o banco estadual representava um dos principais bancos no estado no início da década de 2000. Também no contexto nordestino, o Banco do Estado do Piauí passou pelo processo de aquisição em 2008 sendo comprado pelo Banco do Brasil, o que pode ter acentuado o nível de concentração na região, sendo o maior observado em todo país, dado que o período de 2007 a 2009 foi marcado por processos de aquisição e fusões a nível nacional no setor bancário brasileiro.

A região Sudeste pode ser qualificada com um mercado bancário de baixa concentração, visto que o IHH dos ativos na região esteve abaixo de 1163 na maior parte do intervalo de tempo analisado. Além disso, o valor máximo atingido pelo índice foi de 7148,9 e o mínimo 391,4; enquanto o valor médio esteve em torno de 1037. O Sudeste é caracterizado por uma maior dinamicidade econômica no país, sendo o centro financeiro nacional onde reside grande parte das sedes de bancos presentes no Brasil, assim, existe um maior número de empresas na região resultando em um índice desconcentrado.

Por fim, a região Sul, no geral, possui o IHH em níveis de alta concentração dado que seu primeiro quartil apresentou valor de 1890; o valor médio foi de 2478,7. O IHH dos ativos na região Sul alcançou o valor máximo de 8861,3 e o ponto mais baixo em 748,8. É plausível supor que o processo de absorção do Banco de Santa Catarina pelo Banco do Brasil, que ocupava o primeiro lugar no ranking de agências no estado, tenha contribuído para a concentração bancária na região.

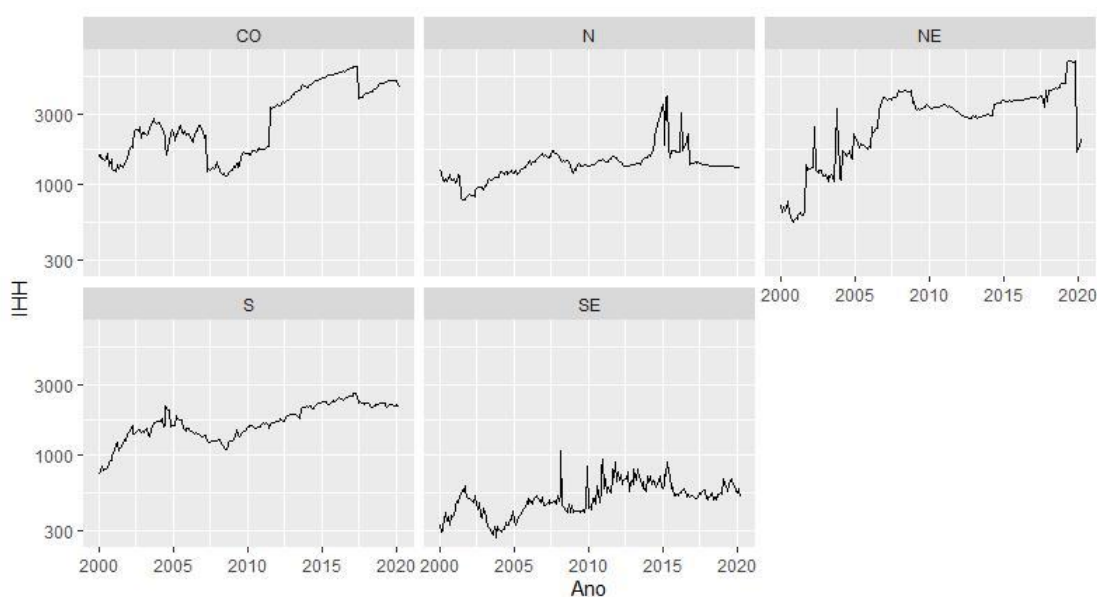


Figura 4 – Séries para as Regiões Geográficas do Brasil do IHH calculado pelas Operações de Crédito das Instituições Financeiras, jan/2000 - abr/2020.

Fonte: Estban, Resultado da pesquisa.

Os resultados da Figura 4 se referem ao IHH das operações de crédito realizadas pelos bancos a nível regional. Nota-se que o índice, para a maioria das regiões, excede o limite da concentração moderada em algum período, porém o nível de concentração é menor que o comparado ao do IHH calculado pelos ativos. A única região que se manteve com baixa concentração foi a região Sudeste, a qual apresenta um resultado semelhante ao IHH das operações a nível nacional, essa semelhança ocorre dado o grande volume de operações ocorridas nessa região que compõe maior parte dos valores para o cálculo nacional.

De forma mais detalhada quanto aos resultados do índice referente às operações de crédito, verifica-se que a região Centro Oeste no período analisado não esteve na zona de baixa concentração, oscilou entre a concentração moderada e elevada, e se manteve na maior parte dos anos em níveis de alta concentração.

Para região Norte, houve picos de alta concentração por volta de 2015, e com fim dessa década o nível de concentração teve um declínio encerrando o período do estudo como mercado moderadamente concentrado. A partir do período de 2013 onde se observa um aumento significativo da concentração na região, foi verificado que o Banco Safra correspondia a uma grande parcela das operações da região, entretanto, após 2016 o banco em questão decaiu sua participação nas operações da localidade, de forma que se voltou a uma melhor distribuição de operações de crédito na região.

Quanto ao Nordeste, pode-se afirmar que o seu grau de concentração das operações de crédito é alto, visto que somente até período de 2005 os níveis de concentração estiveram baixos ou moderados, ressalta-se que esse período é anterior a intensificação das aquisições ocorridas no país. A região Sul varia entre moderada e elevada concentração, e apresentou uma tendência de crescimento ao longo dos anos, encerrando o período com alta concentração.

Apesar de um forte impacto nos ativos totais de todas as regiões durante o período de 2007 e 2008 com a fusão e aquisição dos bancos citadas anteriormente, observa-se que nas operações esse efeito não apresentou tanto destaque, principalmente nas regiões Centro Oeste, Norte e Sul que exibiram uma redução no índice de concentração. Considerando que as aquisições e fusões ocorridas no período citado foram nas regiões Sudeste e Nordeste, os índices de operações nessas regiões apresentaram um aumento esperado.

Quadro 1: Ranking Nacional e Regional da Média do Total dos Ativos para o período de 1994-2020.

Posição	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
1	BCO DO BRASIL S.A.	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BCO ECONÔMICO	BCO DO BRASIL S.A.	ITAU	BANCO SISTEMA
2	ITAU	BCO DO BRASIL S.A.	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BCO ABN AMRO REAL S.A.	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
3	BCO ABN AMRO REAL S.A.	BCO DA AMAZÔNIA S.A.	BCO BANORTE S/A	BANCOOB	BRADESCO	KIRTON BANK
4	BRADESCO	BCO DO EST. DO PA S.A.	BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.	BCO CITIBANK S.A.	BCO CITIBANK S.A.	BCO DO EST. DE SC S.A.
5	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BRADESCO	BCO DO BRASIL S.A.	BCO RABOBANK INTL BRASIL S.A.	SANTANDER	BCO DO BRASIL S.A.
6	BCO CITIBANK S.A.	SANTANDER	BCO CITIBANK S.A.	BRB - BCO DE BRASÍLIA S.A.	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BCO DO ESTADO DO RS S.A.
7	SANTANDER	KIRTON BANK	HIPERCARD BM S.A.	SANTANDER	BANCO BTG PACTUAL S.A.	BCO CITIBANK S.A.
8	BANCO BTG PACTUAL S.A.	ITAU	BCO ALVORADA S.A.	KIRTON BANK	BCO DO BRASIL S.A.	ITAU
9	BANCO SISTEMA	BANCO SISTEMA	BRADESCO	ITAU	BCO SAFRA S.A.	BCO COOPERATIVO SICREDI S.A.
10	KIRTON BANK	BCO BEA S.A.	ITAU	BRADESCO	BCO J.P. MORGAN S.A.	SANTANDER

Fonte: Estban, Resultado da pesquisa.

O Quadro 1 é referente ao ranking das instituições financeiras de acordo com o ativo médio destaca a predominância de seis instituições bancárias na maioria das regiões. Embora haja algumas variações de posição e presença na lista, é evidente que os bancos regionais também ganham representatividade no ranking, demonstrando sua resiliência. Além disso, é interessante observar que em algumas localidades, há inclusão de bancos nacionais na lista,

possivelmente indicando uma estratégia competitiva dessas instituições ao se estabelecerem em regiões periféricas em relação ao centro, o que sugere uma dinâmica de competição bancária.

Quadro 2: Ranking Nacional e Regional da Média das Operações de Crédito para o período de 1994-2020.

Posição	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
1	BCO DO BRASIL S.A.	BCO DO BRASIL S.A.	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BCO DO BRASIL S.A.	BRADESCO	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
2	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BCO DO BRASIL S.A.	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	BCO DO BRASIL S.A.	BCO DO BRASIL S.A.
3	BRADESCO	BCO DO EST. DO PA S.A.	BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.	BANCOOB	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	KIRTON BANK
4	ITAU	BCO DA AMAZÔNIA S.A.	HIPERCARD BM S.A.	BRB - BCO DE BRASÍLIA S.A.	ITAU	BCO DO ESTADO DO RS S.A.
5	SANTANDER	SANTANDER	ITAU	BCO RABOBANK INTL BRASIL S.A.	SANTANDER	ITAU
6	KIRTON BANK	ITAU	BCO ALVORADA S.A.	ITAU	BCO MUFGBRASIL S.A.	BANCO SISTEMA
7	BCO MUFGBRASIL S.A.	BRADESCO	BCO ECONÔMICO	BRADESCO	BCO ABN AMRO REAL S.A.	SANTANDER
8	BCO ABN AMRO REAL S.A.	KIRTON BANK	SANTANDER	BANCO SISTEMA	BCO SAFRA S.A.	BCO COOPERATIVO SICREDI S.A.
9	BCO SAFRA S.A.	BCO SAFRA S.A.	BRADESCO	SANTANDER	BCO EST SAO PAULO S.A. BANESPA	BRADESCO
10	UNIBANCO-UNIAO BCOS BRAS S.A.	BANCO SISTEMA	BCO BANORTE S/A	KIRTON BANK	UNIBANCO-UNIAO BCOS BRAS S.A.	BCO BANESTADO S.A.

Fonte: Estban, Resultado da pesquisa.

Na análise do Quadro 2, ao considerar as operações de crédito, fica mais evidente a dinâmica na qual os bancos regionais se inserem, com uma representatividade significativa em suas respectivas localidades. De acordo com Oliveira e Soares (2019), é fundamental que essa

diversificação bancária exista para ampliar o alcance do crédito nos municípios brasileiros. Os bancos regionais têm uma tendência a estar mais comprometidos com o acesso ao crédito em suas regiões, o que os distingue dos bancos de abrangência nacional, que frequentemente não estão tão presentes devido a perspectivas de lucratividade em certas regiões.

Na região Norte os bancos públicos e a Caixa Econômica ocupam as quatro primeiras posições, por ser uma região periférica com urbanização mais recente comparada com as demais regiões, a presença de bancos públicos e a Caixa Econômica parece ser uma estratégia das esferas governamentais para facilitar o acesso ao crédito. O mesmo pode ser observado para o Nordeste que apresenta um banco regional forte em termos de ativos totais e operações de crédito.

Em análise conjunta dos quadros, nota-se que ao analisar através dos ativos totais, os bancos privados têm destaque na região sudeste, todavia, em termos de operações, as instituições públicas apresentam maior destaque, isso se deve a localização das sedes das instituições privadas estarem, em sua maioria, nesta região. Mesmo que exista um grande volume de ativos no setor privado, a contribuição quanto a movimentação de crédito está ligada às instituições públicas.

Nas regiões Sul e Centro Oeste é perceptível como o volume de ativos totais não está necessariamente ligado ao fluxo das operações de crédito, uma vez que bancos de escala regional apesar de não alcançarem as primeiras posições em termos de ativos, estão em evidência nas operações.

Em uma comparação do início com o fim do período estudado, verifica-se que houve uma elevação no grau de concentração das operações de crédito das regiões brasileiras. Esse processo pode ser explicado pelo funcionamento da economia nacional iniciando em 1990, a partir desse período ocorreu um alto fluxo de entrada de bancos estrangeiros no Brasil, o que promoveu o aumento da quantidade de bancos, tal processo se deu devido a flexibilização realizada pelo Banco Central da regulamentação sobre o mercado financeiro nacional. Nesse período se observou que o Banco Central começou a atuar de forma mais interventora no setor bancário (RIBARCZYK; OLIVEIRA, 2013).

Contudo, o ritmo de crescimento do número de bancos se inverteu no final dessa década, com ênfase no fechamento e processo de fusões e aquisições dos bancos públicos. O início do período estudado foi marcado por uma diminuição da quantidade de bancos nacionalmente, afetando instituições públicas e privadas afirmam Ribarczyk e Oliveira (2013). Os autores também argumentam que diante da diminuição de bancos no país, os bancos que possuem maior participação no mercado conseguiram aumentar ainda mais a seus *market-shares* o que implica em um maior índice de concentração bancária.

Em consistência com as teorias de concentração e estabilização, Oliveira e Soares (2020) argumentam que as fusões e aquisições ocorridas no período da crise de 2008 foram estratégias para proteger do sistema financeiro nacional. Nesse cenário, Lima e Fátima (2009) atribuem a diminuição de instituições no país ao acordo de Basiléia, dado que ele delimita um conjunto de regras macroprudenciais para a redução da instabilidade no setor financeiro e impulsionou o processo de fusões e aquisições no sistema bancário.

De acordo com os resultados referentes ao IHH para a Ativos Totais e Operações de crédito, é possível verificar que existe uma participação relevante e diversificada de bancos locais quando existe uma análise da concorrência a partir das operações de crédito, e que historicamente, pelo menos durante os anos estudados, a concentração de ativos não reflete tão bem a dinâmica da concorrência das instituições financeiras, principalmente a nível regional decorrente as distorções encontradas ao se tratar das sedes dos bancos na análise de ativos totais.

Nesse sentido, em uma investigação orientada para o desenvolvimento econômico das regiões é preferível se utilizar o índice de concentração medido por meio das operações de crédito, visto que a análise das transações realizadas na região é mais precisa ao se tratar da

percepção de concorrência por meio da concessão de créditos. Uma região que possui mais competição está mais próxima de alcançar um número maior de atendimentos a nível territorial.

Assim, análise da concorrência a partir do enquadramento das instituições financeiras enquanto atores do financiamento das atividades econômicas, é possível perceber que se mostra mais pertinente analisar esse setor a partir do estudo da concentração das operações de crédito que utilizar dados relativos à distribuição dos ativos.

4 CONCLUSÃO

Os esforços empreendidos no trabalho ajudaram a chegar à seguinte conclusão sobre o estudo da concentração bancária no Brasil: o comportamento do índice de concentração, IHH, se diferenciam tanto entre ativos e operações de crédito quanto nas diferentes regiões. Além disso, com base nos resultados, entende-se que segundo a perspectiva do setor bancário brasileiro em perspectiva regional enquanto mercados competitivos, a compreensão dos padrões concorrenciais seria mais bem trabalhada a partir do uso das operações de crédito, que tem uma capacidade melhor de captar a dinâmica competitiva regional dos bancos brasileiros quando comparada a uma mensuração baseada nos ativos dessas instituições.

Observou-se que a concentração dos ativos é maior e mais volátil que a das operações crédito para todas as regiões analisadas. Sobre as regiões, somente a região Sudeste seguiu a dinâmica competitiva nacional, os resultados do Sudeste evidenciam que o seu grau de concentração reflete o ritmo do IHH a nível nacional na análise das operações, e se mantém em níveis de baixa concentração a partir dos ativos. Para as regiões Centro Oeste, Nordeste e Sul o IHH calculado por ativos e operações de crédito esteve em patamar elevado (acima de 2500, em média). Apenas o Norte apresentou resultados moderados no grau de concentração. Esses resultados indicam a importância do estudo da concentração intrarregional, para identificar se o acesso ao crédito em cada região depende dos padrões competitivos ali presentes.

A partir dos resultados para as operações de crédito se verificou que grandes bancos ocupam posições relativamente altas em todas as regiões, mesmo que não estejam nas mesmas posições com os ativos, de forma que esses bancos concentram a distribuição de crédito nas regiões. Na análise das regiões, é notável que os bancos regionais se mantêm resistentes, ocupando posições mais altas em comparação com as operações de crédito.

Esses resultados são importantes para fornecer insumos para a regulação do setor em perspectiva regional, especialmente no sentido do fortalecimento de linhas de crédito para o desenvolvimento regional, uma vez que as atividades reguladoras podem dispor de uma perspectiva mais ampla para análise da competitividade do setor e do alcance do acesso ao crédito considerando os desequilíbrios regionais brasileiros, isto é, para que os setores bancários regionais sejam efetivamente uma fonte de dinamismo econômico para as diferentes regiões brasileiras.

Em trabalhos futuros é importante estudar como a competitividade intrarregional dos bancos tem relação com a lucratividade e com as dinâmicas de falências e abertura de agências nas diferentes regiões brasileiras, como forma de avançar na compreensão tanto da concentração intrarregional quanto inter-regional das operações de crédito no país.

Adicionalmente, o estudo específico do comportamento da concentração bancária tanto em contexto nacional quanto regional mostra-se importante para o período que considera a pandemia da COVID-19 e seus efeitos, o que esteve fora do escopo do presente trabalho.

É importante considerar como ressalva do presente trabalho a indisponibilidade de dados ligados às empresas sem agências físicas, como as fintechs, uma vez que o trabalho utilizou dados das agências disponíveis no Estban, além do seu enfoque regional, o que pode não ser viável para esse tipo de empresa, que está difusa no território por sua característica digital.

Esse gap do artigo está relacionado à discussão de Vives (2019) que argumenta que as tecnologias digitais para o setor bancário têm o potencial de aumentar a concorrência no mesmo, reduzindo as barreiras de entrada e possibilitando novos tipos de serviços financeiros. No entanto, essas tecnologias digitais também podem criar riscos para a estabilidade financeira, como ameaças cibernéticas e o potencial de contágio rápido em redes digitais interconectadas. Portanto, os formuladores de políticas precisam considerar cuidadosamente as implicações das tecnologias digitais para a concorrência e a estabilidade no setor bancário.

AGRADECIMENTOS

Esse artigo foi elaborado dentro do escopo do projeto de número 4071 UFPA/BANPARA/FADESP - INDICADORES ECONÔMICOS (BANPARA 90/2018).

REFERÊNCIAS

- AMADO, A. M. Impactos regionais do recente processo de concentração bancária no Brasil. Anais do III Encontro Nacional de Economia Política, Niterói. Encontro Nacional de Economia Política, 1998.
- ARAÚJO, V. F.; RIBEIRO, E. P. Diferenciais de salários por gênero no Brasil: um análise regional. [S.l.]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2001.
- BARRELL, Ray; KARIM, Dilruba. Banking concentration and financial crises. *National institute economic review*, v. 254, p. R28-R40, 2020.
- BCB, B. C. D. B. COMUNICADO Nº 22.366, DE 27 DE ABRIL DE 2012. [S.l.]: Brasília, 2012.
- BIKKER, J. A. et al. Competition and efficiency in a unified European banking market. Books, Edward Elgar Publishing, p. 48–55, 2004.
- BRAGA, H. C.; MASCOLO, J. L. Mensuração da concentração industrial no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 1982.
- BRETSCHGER, Lucas; KAPPEL, Vivien; WERNER, Therese. Market concentration and the likelihood of financial crises. *Journal of Banking & Finance*, v. 36, n. 12, p. 3336-3345, 2012.
- CADE, C. A. d. D. E. Guia para análise de atos de concentração horizontal. [S.l.]: Brasília, 2016.
- Chunikhin, S. A., Kuzmin, E. A., & Pushkareva, L. V. (2019). Studying the banking industry's stability through market concentration indices. *Entrepreneurship and Sustainability Issues*, 6(4), 1663.
- DANTAS, J. A.; MEDEIROS, O. R. d.; PAULO, E. Relação entre concentração e rentabilidade no setor bancário brasileiro. Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, 2011.
- DINCER, Hasan. HHI-based evaluation of the European banking sector using an integrated fuzzy approach. *Kybernetes*, 2019, 48.6: 1195-1215.
- FARIA, Débora Campos; SCARANO, Paulo Rogério; VARTANIAN, Pedro Raffy. A regulação financeira e os determinantes do desempenho e da concentração bancária no Brasil: uma análise econométrica para o período 2000-2017. *Revista de Defesa da Concorrência*, v. 9, n. 2, p. 115-132, 2021.
- FREITAS, A. P. G.; PAULA, L. F. R. d. Concentração regional do crédito e consolidação bancária no Brasil: uma análise pós-real. *Revista Economia, ANPEC Brasília*, v. 11, n. 1, p. 97–123, 2010.

- GARZA-GARCÍA, J. G. Does market power influence bank profits in Mexico? a study on market power and efficiency. *Applied Financial Economics*, Taylor & Francis, v. 22, n. 1, p. 21–32, 2012.
- KUPFER, D. Padrões de concorrência e competitividade. *Encontro Nacional da ANPEC*, v. 20, p. 355–372, 1992.
- LIMA, A. F.; CARVALHO, L. M. de F. O processo de concentração bancária no Brasil de 1995 a 2005: Uma comparação internacional. *Revista de Economia Mackenzie*, v. 7, n. 1, 2009.
- MARTINS, B. S.; ALENCAR, L. S. et al. *Concentração Bancária, Lucratividade e Risco Sistêmico: uma abordagem de contágio indireto*. [S.l.], 2009.
- MIRZAEI, A.; MOORE, T.; LIU, G. Does market structure matter on banks' profitability and stability? emerging vs. advanced economies. *Journal of Banking & Finance*, Elsevier, v. 37, n. 8, p. 2920–2937, 2013.
- NAKANE, M. I. Concorrência e spread bancário: uma revisão da evidência para o Brasil. Banco Central do Brasil, juros e spread bancário no Brasil: avaliação de, v. 4, p. 58–67, 2003.
- NUNES, T.; MENEZES, G.; DIAS, P. Reavaliação da rentabilidade do setor bancário brasileiro: uma abordagem em dados em painel (2000-2012). *Anais do XVI Encontro de Economia da Região Sul-ANPEC/SUL*, p. 01–16, 2013.
- OLIVEIRA, Lucas Henrique; SOARES, Aline Fernanda. O processo de concentração bancária brasileiro: análise setorial do período de 1995 a 2017. *Revista Iniciativa Econômica*, v. 5, n. 1/2, 2019.
- PANZAR, J. C.; ROSSE, J. N. Testing for "monopoly" equilibrium. *The Journal of Industrial Economics*, JSTOR, p. 443–456, 1987.
- PODPIERA, R. Indicators of financial structure development and soundness. In: *Financial Sector Assessment: a Handbook*. [S.l.]: World Bank and International Monetary Fund, 2005.
- PRUTEANU-PODPIERA, Anca; WEILL, Laurent; SCHOBERT, Franziska. Banking competition and efficiency: A micro-data analysis on the Czech banking industry. *Comparative Economic Studies*, v. 50, p. 253–273, 2008.
- RAKSHIT, B.; BARDHAN, S. *Bank competition in India: revisiting the application of Panzar-Rosse model*. Managerial Finance, Emerald Publishing Limited, 2020.
- RESENDE, M. Medidas de concentração industrial: uma resenha. *Análise econômica*, v. 12, n. 21 e 22, 1994.
- RESENDE, M.; BOFF, H. Concentração industrial. In: *Economia industrial*. [S.l.]: Elsevier, 2013. p. 53–65.
- RHOADES, S. A. The herfindahl-hirschman index. *Fed. Res. Bull.*, HeinOnline, v. 79, p. 188, 1993.
- RIBARCZYK, B. G.; OLIVEIRA, J. C. de. Análise da concentração bancária brasileira entre 2000-2011: o impacto da fusão do Itaú com o Unibanco. *Estudos do CEPE*, p. 5–26, 2013.
- Saif-Alyousfi, A. Y., Saha, A., & Md-Rus, R. (2020). The impact of bank competition and concentration on bank risk-taking behavior and stability: Evidence from GCC countries. *The North American Journal of Economics and Finance*, 51, 100867.
- SHIJAKU, Gerti. Does concentration matter for bank stability? Evidence from the Albanian banking sector. *Journal of Central Banking Theory and Practice*, v. 6, n. 3, p. 67–94, 2017.
- SILVEIRA, P. P. B. d. *Concentração e competição bancárias no Brasil: uma aplicação do Modelo Panzar-Rosse*. Tese (Doutorado), 2017.
- VASCONCELLOS, M.; OLIVEIRA, R. G. D.; BARBIERI, F. *Manual de microeconomia*. 3ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.
- VIVES, Xavier. Competition and stability in modern banking: A post-crisis perspective. *International Journal of Industrial Organization*, 2019, 64: 55–69.